ISSN: 2358-8829

PARA ALÉM DA COMPETIÇÃO: OS JOGOS INTERCLASSE COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Thiago Carvalho Lira da Silveira [1]
Alef Richard Amâncio Silva [2]
Robson Gomes de Araújo [3]

INTRODUÇÃO

Começando com uma história rápida que ilustra exatamente o porquê deste trabalho existir, é imprescindível destacar a convergência de perspectivas dos autores desde a intenção da produção do trabalho, bem como, as vivências construídas ao longo da vida. Nesse viés, ambos possuem níveis de familiaridade parecidos com o tema, como a satisfação de envolver-se nas atividades esportivas, nesse contexto, o campeonato interclasse.

Os Jogos Interclasse configuram-se como um método pedagógico que transcende a dimensão competitiva do esporte, constituindo-se como espaço formativo de aprendizagens integradoras no cenário escolar. Para corroborar essa afirmativa, o debate entre o esporte da escola e o esporte na escola é um ótimo parâmetro para compreender que a distinção reside na maneira como o fenômeno esportivo é adequado, reproduzido e transformado no espaço educacional. Interpretando a crítica feita por Bracht (1992), em sua obra "Educação Física e Aprendizagem Social", vale dizer que, o esporte da escola é uma ressignificação pedagógica do esporte construída com a cara da escola. O qual deixa de ser fim em si mesmo e passa a ser um meio de formação cultural, social, de inclusão e reflexão crítica. As regras, o espaço e os métodos podem ser adaptados para que todos os estudantes participem, valorizando a cooperação, o lúdico e a compreensão do esporte como um fenômeno da cultura corporal.

Este trabalho tem como objetivo analisar as potencialidades educativas dessa prática, destacando sua contribuição para o desenvolvimento integral dos discentes. Realçando os Jogos Interclasse como uma ferramenta pedagógica fulcral para o desenvolvimento holístico considerando aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais.

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco – UPE, thiago.clsilveira@upe.br;
[2] Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco – UPE, alef.richard@upe.br;
[3] Professor Orientador: Graduado do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco – UPE, robson.gdaraujo@professor.educação.pe.gov.br.

ISSN: 2358-8829

A investigação fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-reflexivo, ancorada em pressupostos da pedagogia crítica e das concepções de Educação Física escolar que valorizam o sujeito em sua totalidade. O referencial teórico-metodológico dialoga com autores que compreendem o esporte/jogo como fenômeno antropológico e educativo, os quais evidenciam sua capacidade em moldar o sentimento de pertencimento e intervir na formação humana.

Os resultados apontam que os Jogos Interclasse favorecem significativamente nos processos de socialização, cooperação e respeito às regras, além de possibilitar a empatia, a equidade e a resiliência entre os integrantes. Observa-se que a participação ativa dos estudantes viabiliza uma construção de identidades coletivas e o fortalecimento de valores essenciais à convivência social. Ademais, a prática salienta o papel do esporte como mediador de aprendizagens cognitivas, afetivas e morais. Desse modo, torna-se uma estratégia de ensino que extrapola o paradigma funcionalista focado ligeiramente na aplicabilidade técnica para um ensino crítico, reconhecendo-o como fenômeno sociocultural complexo, multifacetado e integrado à sociedade. Partindo desse pressuposto, constata-se a substancialidade em promover uma Educação Física humanizada, tal como articular nesta intervenção, saberes de áreas distintas, sistematizando o evento com o corpo docente para que atinja seu potencial de transformação.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A comunicação oral não é apenas a transmissão de palavras, é o canal pelo qual a presença se manisfeta e a empatia se materializa. Dessa maneira, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-reflexivo. Essa escolha se justifica uma que a pesquisa tenciona-se a compreender sentidos, valores e relações presentes em uma prática educativa, em vez de medir seus resultados por meio de dados numéricos (Minayo, 2001).

A discussão fundamenta-se nos princípios da pedagogia crítica e em concepções de Educação Física escolar que consideram o estudante em suas diferentes dimensões. Do caráter descritivo, Gil (2002) define que as pesquisas descritivas têm como objetivo principal descrever as características de determinados grupos ou fenômenos, estebelecendo relações entre variáveis estruturadas. Por esse ângulo, cabe frisar a apresentação dos Jogos Interclasse considerando sua organização, os responsáveis pelo planejamento, as formas de participação dos estudantes e as modalidades desenvolvidas. Paralelo a isso, Bourdieu (1989) afirma que o fazer científico exige que o pesquisador vá além da mera descrição do objetio de estudo, tornando-se fundamental

ISSN: 2358-8829

que ele realize um exercício de autorreflexão para identificar como sua própria posição social, vieses e influências interferem na análise da realidade descrita. Sob esse prisma, torna-se visível esta reflexão perante a interpretação das práticas relacionadas aos pensamentos dos autores citados, buscando expor os ganhos pedagógicos a partir da experiência do evento.

É oportuno explicitar que o percurso metodológico reuniu revisão bibliográfica e análise reflexiva da prática pedagógica. Por conseguinte, a revisão considerou produções quanto a jogo e o esporte como fenômenos culturais e educativos, as abordagens críticas da Educação Física e a formação integral. A análise foi organizada a partir de cinco categorias relacionadas aos objetivos do estudo: socialização e cooperação; respeito às regras e dimensão moral; empatia, equidade e inclusão; resiliência e gestão de emoções; e construção de identidades coletivas e sentimento de pertencimento.

Por se tratar de uma investigação descritivo-reflexiva, os resultados não pretendem representar todas as realidades escolares. O que se apresenta é uma leitura construída com base na bibliogragia e na reflexão sobre a prática pedagógica, que pode contribuir para pensar a organização dos Jogos Interclasse em diferentes escolas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de se tornar registo escrito, a história e o saber da humanidade foram moldados pelo ritmo, pela força e pela presença da oralidade. Sendo assim, com vistas a embasar a hodierna pesquisa, resgatam-se, nesta seção, os principais aportes teóricos acerca da temática.

Nesse enquadramento, a discussão sobre os Jogos Interclasse exige, primeiramente, a delimitação de conceitos fundamentais abordados pela literatura da área. Ligeiramente, vale salientar que, de acordo com Huizinga (2000) o jogo é uma atividade presente na experiência humana desde antes da formação da própria cultura. Para o autor, jogar envolve uma participação voluntária que acontece em determinado tempo e espaço e segue regras aceitas pelos participantes. Essa experiência cria paralelamente vínculos e formas particulares de convivência. Logo, o jogo não dever ser visto apenas como passatempo, mas como uma manifestação importante da vida em sociedade e, consequentemente, como um conteúdo escolar.

Conforme apontado nas pesquisas sobre o tema, durante muito tempo, a Educação Física escolar esteve ligada a uma visão que priorizava a aptidão física, a identificação de talentos e a execução correta dos movimentos. A partir da década de 1980, essa forma de compreender a

ISSN: 2358-8829

área passou a receber críticas de abordagens que defendiam o acesso de todos os estudantes à cultura corporal (Soares et al., 1992).

Bracht (1992) chama a atenção para o fato de que o esporte, quando levado para a escola sem uma reflexão pedagógica, pode reproduzir características do esporte de rendimento, como a seleção dos mais habilidosos e a valorização excessiva dos resultados. Kunz (1994), por outro lado, defende que o ensino do esporte necessita passar por uma transformação didático-pedagógica. Isso significa, criar condições para que o estudante tenha consciência de sua ação, atribua sentido aos seus atos e participe da construção universal da atividade.

A pedagogia crítica, em diálogo com Freire (1996), entende a educação como um processo no qual o estudante participa ativamente da construção do conhecimento. Desmistificando a ideia do estudante ser apenas receptor de informações, entretanto sujeito autêntico e protagonista nas tomadas de decisões. Para a Educação Física, essa compreensão abre espaço para que os discentes participem do planejamento, arbitragem, organização e avaliação dos eventos esportivos.

Como acréscimo de informação, o esporte moderno, por sua vez, permeou primordialmente pelos jogos populares, com a criação de regras fixas e a fundação das disputas organizadas em sua maioria por federações. Os autores mostram que o esporte permite fruir de emoções e situações de tensão dentro de limites estabelecidos. A competição, nesta óptica, pode acontecer sem que o conflito se transforme em violência, ou transpareça como excludente. Consequentemente, acentua-se que o esporte está para além do esforço físico, o qual, concomitantemente, abarca fatores culturais e sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estes resultados ganham profundidade quando analisados as vivências *pari passu* com a ciência, pois demonstram que na prática deve-se ponderar os fatos observáveis, tal qual o conhecimento organizado de forma lógica e estruturada.

Em primeiro lugar, é indispensável evidenciar que os Jogos Interclasse mediante a perspectiva esportiva competitiva acarreta em riscos de exclusão, tendo em vista a seleção dos participantes. Entretanto, na lógica pedagógica e participativa, fomenta a inclusão de uma gama de discentes.

O evento reúne estudantes das diversas turmas escolares, de idades e interesses distintos em torno de um objetivo comum, o que amplia o convívio e instiga os grupos a negociar papéis e dividir responsabilidades. A cooperação passa a ser a condição do desempenho coletivo, em

ISSN: 2358-8829

que o êxito da atividade depende da contribuição de cada integrante, inclusive do desprovido de técnica.

Piaget (1994) declara que a compreensão da regra evolui de uma obediência heterônoma para uma aceitação autônoma, fundada na reciprocidade. Com base nesta suposição, o Interclasses oferece contexto propício a essa passagem, sobretudo quando os estudantes participam da elaboração do regulamento, da arbitragem e da mediação de conflitos.

Vencer e perder em situações reais estimula a empatia, entendida como a capacidade de "calçar os sapatos do outro". A equidade, perpassa pelo planejamento, multifacetados em: garantir tempo de jogo para todos; formação de equipes mistas; adaptação de modalidades; e criação de funções alternativas (árbitragem, mediador, repórter e organizador) para oportunizar o protagonismo estudantil do "não-atleta". Já a resiliência, desenvolve-se na ressignificação da derrota, gerando um sujeito perseverante por intermédio de rodas de conversa que reflitam o sentido do jogo.

Nomes de equipes, cores, gritos de torcida, cartazes e rituais de abertuda e encerramento criam símbolos compartilhados que reforçam o sentimento de pertencimento a todos da comunidade escolar. Esse vínculo favorece o engajamento dos indivíduos, dado que, o reconhecimento do papel individual estímula a participação no projeto. Em linha com Huizinga (2000), o jogo só se sustenta quando todos aceitam suas regras e o espírito do jogo.

Depreende-se, portanto, que os fatores apresentados continuam a alimentar o desafio e, por isso, exigem atenção para as três dimensões descritas por Darido (2003) que estão articuladas na crista do evento. Primeiro, o plano cognitivo, onde os estudantes analisam situações de jogo, elaboram estratégias, interpretam regulamentos, organizam tabelas e calculam resultados, utilizando-se de saberes interdisciplinares. Segundo, o plano afetivo, os quais gozam da frustação, alegria, ansiedade e orgulho, superando as dificuldades e gerindo emoções. Terceiro, o plano moral, em que deparam-se com ocasionais parcialidades da arbitragem, aceitando-as, ou do contrário, agindo com "*Fair Play*". Contudo, essa articulação excede o paradigma funcionalista, no instante que o evento configura-se como fenômeno sociocultural complexo e plural, partindo de uma premissa que fragmente a exclusão e o uso exarcebado da competição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lançarmos um olhar retrospectivo sobre tudo o que foi debatido hoje, fica evidente que, este estudo buscou analisar as possibilidades educativas dos Jogos Interclasse e sua

contribuição para a formação omnilateral dos estudantes. A discussão revelou que o projeto pedagógico pode ir além da competição, ao ser executado com sistematização acadêmica. Nesse parâmetro, pode favorecer a socialização, a cooperação e o respeito às regras, outrossim, conceber situações em que os discentes desenvolvam um conjunto de competências emocionais e comportamentais.

Palavras-chave: Jogos Interclasse, Educação Física escolar, Formação integral, Prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989;

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992;

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018;

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003;

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002;

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000;

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994;

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001;

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994;

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992;

VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente — um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 4–17, 1996.

ISSN: 2358-8829

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.